

O RETORNO

Título original: *The Return*

Copyright © 2020 por Willow Holdings, Inc.
Copyright da tradução © 2020 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Ricardo Quintana

preparo de originais: Carolina Vaz

revisão: Melissa Lopes Leite e Rebeca Bolite

diagramação: Abreu's System

capa: Tom Hallman

adaptação de capa: Gustavo Cardozo

imagem de capa: Miguel Sobreira/Trevillion Images

foto do autor: © James Quantz Jr.

e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S726r

Sparks, Nicholas, 1965-

O retorno [recurso eletrônico]/ Nicholas Sparks; tradução de Ricardo Quintana. São Paulo: Arqueiro, 2020.

recurso digital

Tradução de: *The return*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-5565-046-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Quintana, Ricardo. II. Título.

20-66361

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.

Sumário



Prólogo

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

Prólogo



2019

A igreja parece uma capela alpina, do tipo que se poderia encontrar nas montanhas nos arredores de Salzburgo, e o ar fresco em seu interior é reconfortante. É agosto e o calor está escaldante no sul dos Estados Unidos, agravado pelo terno e pela gravata que estou usando. No dia a dia, geralmente não uso ternos. São desconfortáveis, e, como médico, reparei que os pacientes reagem melhor quando me visto mais casualmente, como eles.

Estou aqui para um casamento. Conheço a noiva faz mais de cinco anos, embora não esteja certo se ela considera que somos amigos. Assim que ela deixou New Bern, continuamos nos falando com regularidade por mais de um ano e, depois disso, nosso contato tem se limitado a umas poucas mensagens de texto trocadas ocasionalmente, às vezes por iniciativa dela, às vezes minha. No entanto, possuímos um vínculo inegável com raízes em acontecimentos de anos atrás. Tenho até dificuldade de me lembrar do homem que eu era quando nossos caminhos se cruzaram pela primeira vez, mas isso é normal, não é? A vida nos oferece novos rumos o tempo todo, e nesse processo nós crescemos e mudamos. Quando olhamos pelo espelho retrovisor, temos um vislumbre de *eus* anteriores que podem ser irreconhecíveis.

Algumas coisas não mudaram – meu nome, por exemplo –, mas estou com 37 anos agora, dando os primeiros passos em uma carreira que nunca imaginei seguir nas minhas primeiras três décadas de vida. Eu adorava tocar piano, mas parei de praticar. Apesar de ter crescido entre

familiares amorosos, faz muito tempo que não vejo nenhum deles. Existem razões para isso, mas abordarei essa parte mais adiante.

Hoje, estou simplesmente feliz de estar aqui e de ter conseguido chegar a tempo. O voo que partiu de Baltimore atrasou, e a fila na locadora de carros estava grande. Embora eu não tenha sido o último convidado a chegar, a igreja já está bem cheia e encontro um lugar na antepenúltima fileira, fazendo o máximo para me esgueirar até lá sem ser notado. Nos bancos à minha frente há mulheres usando o tipo de chapéu que se espera encontrar no Grande Prêmio de Turfe do Kentucky, combinações extravagantes de laços e flores que cabras adorariam comer. A visão me faz rir, um lembrete de que há no Sul um mundo que parece não existir em nenhum outro lugar.

A visão das flores também me faz pensar em abelhas. Elas estão presentes em grande parte das minhas lembranças. São criaturas admiráveis e maravilhosas, de interesse infindável para mim. Hoje em dia, cuido de mais de uma dezena de colmeias – um trabalho muito mais simples do que se imagina – e não consigo deixar de pensar que as abelhas tomam conta de mim e de todo mundo. Grande parte da nossa alimentação depende das abelhas; sem elas seria quase impossível existir vida humana.

Há algo incrivelmente maravilhoso na ideia de que a vida como a conhecemos depende de algo tão simples quanto uma abelha indo de flor em flor. Isso me faz acreditar que meu hobby é importante para o grande esquema das coisas, e tenho total noção de que cuidar das colmeias foi o que me trouxe até aqui, a esta igreja no interior, bem longe de casa. É claro que minha história – como qualquer boa história – também é fruto de acontecimentos, circunstâncias e outras pessoas, inclusive uma dupla de idosos que gostava de se sentar em cadeiras de balanço na frente de uma antiga mercearia na Carolina do Norte. Mas é principalmente sobre duas mulheres, embora uma delas fosse apenas uma menina na época.

Sou o primeiro a notar que, quando contam a própria história, as pessoas tendem a se colocar como o personagem principal. Provavelmente vou cair na mesma armadilha, mas gostaria de avisar que a maior parte dos fatos ainda me parece acidental – ao longo da minha

narrativa, lembre-se, por favor, de que não me considero nenhuma espécie de herói.

Quanto ao final da história, imagino que este casamento seja uma espécie de conclusão. Cinco anos atrás, eu teria grande dificuldade para dizer se o desfecho desses relatos interligados seria feliz, trágico ou agridoce. E agora? Para ser sincero, hoje tenho ainda menos certeza, já que continuo me perguntando se esta história poderia, de algum modo sinuoso, seguir de onde parou.

Para entender o que quero dizer, você precisa viajar de volta no tempo comigo e conhecer um mundo que, apesar de tudo que aconteceu nos últimos anos, ainda me parece muito palpável.

1



2014

A primeira vez que notei a garota passando em frente à minha casa foi um dia depois da mudança. Ao longo do mês e meio que se seguiu, eu a vi arrastando os pés pela calçada algumas vezes por semana, a cabeça baixa e os ombros encolhidos. Durante muito tempo, não trocamos uma palavra.

Eu suspeitava de que ainda fosse adolescente – alguma coisa no jeito de andar sugeria que ela sofria do duplo fardo da baixa autoestima e de uma irritação diante do mundo –, mas, aos 32, eu já havia atingido a idade em que era quase impossível ter certeza. Além dos longos cabelos castanhos e dos olhos afastados, as únicas coisas que eu sabia sobre ela era que morava num estacionamento para trailers na minha rua e que gostava de caminhar. Ou, mais provavelmente, que precisava caminhar porque não tinha carro.

O céu de abril estava claro, a temperatura, em torno dos 20 graus e uma leve brisa carregava o aroma perfumado das flores. Os cornisos e as azaleias do quintal haviam florescido quase que da noite para o dia, emoldurando a via de cascalho que serpenteava junto à casa do meu avô. Eu tinha acabado de herdar a propriedade nos arredores de New Bern, na Carolina do Norte.

Eu, Trevor Benson, médico convalescente e veterano, incapacitado em serviço, estava jogando naftalinas em volta da casa, lamentando porque não planejara passar a manhã fazendo aquilo. O problema das tarefas e dos reparos ali era que não dava para saber exatamente quando

ia terminar o serviço, já que sempre havia algo a ser feito, e nem era possível dizer se de fato valia a pena ficar ajeitando o lugar.

A casa não era lá essas coisas em termos de aparência, e os anos tinham cobrado seu preço. Meu avô a construía sozinho após retornar da Segunda Guerra Mundial mas, embora fosse capaz de erguer coisas duráveis, não tinha grande talento no quesito estilo. A construção era um retângulo com varandas na frente e nos fundos – dois quartos, cozinha, sala e dois banheiros. Com os anos, o revestimento de cedro da parte externa havia esmaecido até exibir um tom cinza-prateado, como o cabelo do meu avô. O telhado fora remendado, o vento entrava pelas janelas e o piso da cozinha era tão desnivelado que, quando um líquido se derramava no chão, ele se transformava num pequeno rio que corria para a porta que dava na varanda dos fundos. Gosto de pensar que isso tornava a limpeza mais fácil para meu avô, que havia morado sozinho durante os últimos trinta anos de sua vida.

A propriedade, no entanto, era especial. Tinha cerca de 2,5 hectares, um velho celeiro um pouco empenado, um galpão – onde meu avô armazenava o mel – e aparentemente todo tipo de flor conhecida pela humanidade, inclusive trevos e flores silvestres. De agora até o fim do verão, a propriedade exibiria uma explosão de cores no solo. Era também cortada pelo riacho Brices, cuja água escura, meio salobra, corria com tanta lentidão que muitas vezes refletia o céu feito um espelho. O pôr do sol transformava o riacho numa mistura de tons bordô, vermelhos, laranja e amarelos, enquanto seus raios evanesciam lentamente e perfuravam a cortina de barba-de-velho que caía dos galhos das árvores.

As abelhas adoravam aquele lugar, o que com certeza fora a intenção do meu avô, apicultor nas horas vagas, e estou plenamente convencido de que ele gostava mais de abelhas do que de pessoas. Havia cerca de vinte colmeias na propriedade, e com frequência eu me pegava pensando que elas se encontravam em melhores condições que a casa ou o celeiro. Desde minha chegada, eu as examinara algumas vezes à distância e, embora ainda fosse o início da temporada, dava para ver que as colônias estavam saudáveis.

A população de abelhas aumentava com rapidez na primavera – era

possível escutá-las zumbindo quando se prestava atenção –, então as deixei em paz. A maior parte do tempo eu estava tentando tornar a casa habitável de novo. Fiz uma limpa nos armários, guardando alguns potes de mel e descartando todo o resto: uma caixa de biscoitos velhos, embalagens de manteiga de amendoim e de geleia quase vazias e um pacotinho de maçãs desidratadas. As gavetas estavam cheias de tralha – cupons vencidos, tocos de vela, ímãs e canetas sem tinta. Foi tudo para o lixo. A geladeira estava quase vazia e curiosamente limpa, sem os itens mofados ou os odores desagradáveis que eu esperava. Removi uma tonelada de lixo da casa – a maior parte da mobília tinha meio século de idade, e meu avô era um tanto acumulador – e então contratei várias equipes para fazer o trabalho pesado.

Um empreiteiro reformou um dos banheiros; um bombeiro hidráulico consertou o vazamento na torneira da cozinha. Também mandei lixar e envernizar os pisos, pintar as paredes e, por último, mas não menos importante, substituir a porta dos fundos. Quebrada no batente, a anterior tinha sido pregada com tábuas. Mais tarde, após trazer outra equipe para limpar a casa de cima a baixo, providenciei o wi-fi e comprei uns móveis para a sala de estar e o quarto, além de uma TV. A televisão que estava lá tinha aquelas antenas embutidas e era do tamanho de um baú. As instituições de caridade recusaram a doação da mobília velha do meu avô, apesar de meu argumento de que poderia ser considerada antiguidade, então doei para empresas que reaproveitavam o material.

As varandas, no entanto, estavam relativamente em bom estado, e eu passava ali a maior parte das manhãs e tardes. Foi por isso que comecei com essa história das naftalinas. A primavera no Sul não se resume apenas a flores, abelhas e belos crepúsculos, sobretudo quando se mora ao lado de um riacho no que parecia ser uma selva. Como vinha fazendo mais calor que o normal, as cobras haviam começado a despertar da letargia do inverno. Dei de cara com uma das grandes na varanda dos fundos naquela manhã, enquanto perambulava do lado de fora com meu café. Depois de tomar um tremendo susto e derramar metade da xícara na camisa, corri para dentro de casa.

Não fazia ideia se era venenosa ou não. Não sou perito em cobras. Mas minha reação foi diferente da que muitas pessoas teriam – meu avô, por exemplo. Não pensei em matá-la. Só queria que ela ficasse longe da casa e morasse *lá para o outro lado*. Eu sabia que elas faziam coisas úteis, como matar os ratos que eu ouvia correndo por dentro das paredes à noite. O som me deixava arrepiado. Embora eu houvesse passado todos os verões ali quando criança, não sou acostumado à vida no campo. Sempre me considerei um cara mais urbano, o que era verdade, até a explosão que acabou não só com todo o meu mundo, mas comigo também. Essa é a razão de eu estar convalescente, porém vou contar sobre isso depois.

Por ora, vamos voltar à cobra. Após trocar de camisa, lembrei vagamente que meu avô usava naftalina para afastar cobras. Ele tinha plena convicção de que essas bolinhas possuíam poderes mágicos para repelir todo tipo de coisa – morcegos, camundongos, insetos e cobras –, então comprava caixas e mais caixas daquilo. Encontrei um monte delas no celeiro e, confiante de que meu avô devia ter alguma razão, peguei uma e comecei a espalhar naftalina em volta da casa, primeiro nos fundos e nas laterais, depois na frente.

Foi quando vi de novo a garota arrastando os pés pela rua. Vestia calça jeans e camiseta e deve ter sentido que eu estava olhando para ela, porque se virou na minha direção. Não sorriu nem acenou. Em vez disso, baixou a cabeça, como se quisesse ignorar minha presença.

Dei de ombros e voltei a trabalhar, se é que espalhar naftalina pode ser considerado trabalho. Por alguma razão, no entanto, me peguei pensando sobre o estacionamento para trailers onde ela morava. Ficava no final da rua, a cerca de um quilômetro e meio. Por curiosidade, eu tinha dado uma volta lá logo depois de ter me mudado. Ele havia aumentado de tamanho desde a última vez que o visitara, e acho que eu queria saber quem eram meus novos vizinhos.

Meu primeiro pensamento ao chegar lá foi de que o local fazia a casa do meu avô parecer o Taj Mahal. Seis ou sete trailers antigos e decrepitos pareciam ter sido largados ao acaso num terreno sujo. No canto mais distante estavam os restos de outro trailer que havia pegado fogo, apenas

uma carcaça preta parcialmente derretida. Em meio a eles, varais de roupa pendiam entre estacas inclinadas e galinhas esqueléticas ciscavam num percurso de obstáculos formado por carros em cima de tijolos e utensílios enferrujados, evitando apenas um pit bull feroz acorrentado a um velho para-choque descartado. O cão tinha dentes enormes e latiu tão furiosamente quando me viu que voou baba de sua boca espumosa.

Uma parte de mim se perguntava por que alguém escolheria morar em um lugar daqueles, mas eu já sabia a resposta. No caminho de volta para casa, senti pena dos moradores e me repreendi por ser tão esnobe, porque sabia que tivera mais sorte que a maioria, pelo menos em relação a dinheiro.

– Você mora aqui? – ouvi alguém perguntar.

Erguendo o olhar, vi a garota. Ela tinha dado meia-volta e estava parada a certa distância, mas perto o bastante para eu notar as sardas nas suas bochechas, que eram quase translúcidas de tão pálidas. Havia alguns hematomas em seus braços, como se ela tivesse batido em algum lugar. Não era especialmente bonita e tinha um ar jovial, o que me fez pensar outra vez que se tratava de uma adolescente. O olhar desconfiado sugeria que estava pronta para sair correndo ao meu menor sinal de movimento.

– No momento, sim – falei, abrindo um sorriso. – Mas não sei por quanto tempo vou ficar.

– O velho morreu. O que morava aí. O nome dele era Carl.

– Eu sei. Era meu avô.

– Ah... – Ela enfiou a mão no bolso de trás. – Ele me dava mel.

– É o tipo de coisa que ele faria.

Eu não tinha certeza se isso era verdade, mas me pareceu a melhor coisa a dizer.

– Ele costumava comer no Trading Post – continuou ela. – Era sempre simpático.

O Slow Jim's Trading Post era uma dessas lojas decadentes, onipresentes no Sul, e já existia antes mesmo de eu nascer. Meu avô me levava lá sempre que eu vinha visitá-lo. Era do tamanho de uma garagem para três carros, com uma varanda coberta na frente, e vendia de tudo, de combustível a leite e ovos, passando por artigos de pesca, iscas vivas e

autopeças. Havia bombas de gasolina antiquadas na frente – não aceitavam cartão de crédito nem débito – e uma chapa para preparar comidas quentes. Lembro que uma vez descobri um saco de soldadinhos de plástico enfiado entre uma caixa de marshmallows e uma caixa de anzóis. Não havia muita coerência entre as mercadorias oferecidas nas prateleiras ou exibidas nas paredes, mas sempre achei que era uma das lojas mais legais do mundo.

– Você trabalha lá?

Ela assentiu antes de apontar para a caixa na minha mão.

– Por que está colocando naftalina em volta da casa?

Olhei para a caixa, percebendo ter esquecido que a estava segurando.

– Vi uma cobra na varanda hoje de manhã. Ouvi dizer que naftalina repele cobras.

Ela contraiu os lábios antes de dar um passo para trás.

– Então tá. Só queria saber se você estava morando aí agora.

– Meu nome é Trevor Benson, a propósito.

Após ouvir meu nome, ela me encarou. Parecia estar tomando coragem para perguntar o óbvio.

– O que aconteceu com o seu rosto?

Eu sabia que ela estava se referindo à fina cicatriz que ia da linha do cabelo até o maxilar. A pergunta reforçava minha impressão de que ela era jovem. Adultos geralmente não tocavam no assunto. Na verdade, a maioria fingia não notar.

– Um morteiro no Afeganistão. Há alguns anos.

– Ah. – Ela esfregou o nariz com as costas da mão. – Doeu?

– Doeu.

– Ah... Bem, tenho que ir agora.

– Tudo bem.

Ela se voltou em direção à rua, mas de repente se virou de novo.

– Não vai funcionar!

– O que não vai funcionar?

– A naftalina. Cobras não ligam para naftalina.

– Tem certeza?

– Todo mundo sabe disso.

Diga isso ao meu avô, pensei.

– Então o que eu faço para não ter cobra na varanda?

Ela ficou pensativa.

– Talvez você devesse ir morar num lugar onde não houvesse cobras.

Tive que rir. Ela era estranha, com certeza, mas me dei conta de que era a primeira vez que eu ria desde que tinha me mudado. Talvez fosse a primeira risada em meses.

– Prazer em conhecê-la.

Fiquei observando a menina se afastar e me surpreendi quando ela se virou lentamente.

– Meu nome é Callie! – gritou.

– Foi um prazer, Callie.

Quando ela finalmente desapareceu por trás de algumas azaleias, me perguntei se deveria continuar espalhando a naftalina. Não fazia ideia se ela estava certa ou errada, mas, no fim, resolvi dar a tarefa por encerrada. Estava querendo tomar uma limonada e me sentar na varanda de trás para relaxar, já que o psiquiatra me recomendara tirar umas horas para descansar enquanto eu ainda tivesse tempo.

Ele disse que isso me ajudaria a manter *A Escuridão* longe.



Meu psiquiatra às vezes usava uma linguagem floreada do tipo *A Escuridão* para descrever o transtorno do estresse pós-traumático. Quando lhe perguntei o motivo, ele explicou que cada paciente era diferente e que fazia parte de seu trabalho encontrar palavras que refletissem com precisão o estado de ânimo e o sentimento de cada um, de forma a guiá-los ao longo do demorado caminho até a recuperação.

Desde que começamos o tratamento, ele se referia ao meu transtorno como *perturbação, problema, dificuldade, efeito borboleta, desregulagem emocional, gatilho* e, naturalmente, *A Escuridão*. Durante muito tempo após a explosão, meu ânimo *ficou* escuro, negro como o céu noturno sem estrelas nem lua, mesmo que eu não compreendesse inteiramente por

quê. No início, eu negava com veemência o transtorno, mas eu era teimoso.

Com toda a sinceridade, minha raiva, depressão e insônia faziam sentido para mim na época. Sempre que me olhava no espelho, eu me lembrava do que havia acontecido na Base Aérea de Kandahar em 9 de setembro de 2011, quando um míssil disparado contra o hospital onde eu trabalhava caiu perto da entrada, segundos após eu ter saído do prédio.

Há um quê de ironia na minha escolha de palavras, já que o ato de olhar no espelho não é mais como antes. Fiquei cego do olho direito, perdendo a noção de profundidade. Encarar meu reflexo é um pouco como observar peixes nadando num daqueles antigos descansos de tela de computador – quase real, mas não completamente – e, mesmo que eu conseguisse superar isso, meus outros ferimentos são tão aparentes quanto uma bandeira solitária fincada no topo do monte Everest.

Além da cicatriz no rosto, estilhaços deixaram meu tronco esburacado como a lua. Os dedos mínimo e anelar da mão esquerda foram arrancados – um grande azar, já que sou canhoto – e perdi também a orelha esquerda. Acredite ou não, essa última sequela era a que mais me incomodava em relação à minha aparência. Uma cabeça não parece natural sem uma das orelhas. Eu parecia estranhamente assimétrico, e foi só naquele momento que dei valor de verdade às minhas orelhas. Nas raras vezes em que pensava nelas, era sempre no contexto de ouvir coisas. Mas tente usar óculos escuros tendo apenas uma orelha e você vai entender por que senti essa perda de forma tão intensa.

Ainda não mencionei as lesões na coluna – tive que reaprender a andar – ou as dores de cabeça latejantes que perduraram meses e me deixaram fisicamente arrasado. Mas os bons médicos do Walter Reed me consertaram. A maior parte de mim, pelo menos. Assim que fiquei de pé outra vez, passei a ser atendido na instituição onde me formei, a Johns Hopkins, onde as cirurgias estéticas foram realizadas. Agora uso uma prótese de orelha, tão bem-feita que nem se percebe que é falsa, e meu olho parece normal, mesmo sendo completamente inútil. Não deu para fazer muito em relação aos dedos, que viraram adubo no Afeganistão,